

O prazer de conhecer um poço oculto: as Brujas de Nuno Ramos

Por Diego Matos

O artista e a matéria

Em um primeiro passo investigativo, observa-se que as *Brujas* (2021) de Nuno Ramos (São Paulo, 1960) descrevem um rito de trabalho do artista. Conhecendo, assim, a materialidade e as formas dadas, é possível construir um caminho de compreensão. Entendidos como monotípias, cada um desses desenhos nasceu no labor cotidiano de Ramos em seu ateliê. Realizadas na horizontal, em uma mesa de grandes dimensões, as obras foram constituídas de dois papéis unidos pelas por suas faces mais estreitas, criando peças verticais que ressaltam o caráter frontal da linguagem do retrato.

Em cada uma das *Brujas* traçadas, essa insinuação corpórea de feições qualifica um caminho para figuração. À primeira vista, encontramos uma relação formal entre esse conjunto de trabalhos e outras séries de desenhos realizadas pelo artista nos últimos anos: *Antígona* (2018), *Blue Note* (2020) e *I Am* (2020).

Se conhecemos a produção do artista pela magnitude e explosão escalar das agigantadas esculturas e instalações ou pelas ações de grande mobilização, agora é a expressão bidimensional, ao alcance do braço, que determina o limite e o tamanho da ação. As monotípias são realizadas nos versos do suporte, constituindo possíveis espelhamentos e desorientações. O excesso de material usado leva ao limite a impregnação do papel, que transborda, satura e perde a capacidade de reter. Posto na vertical, o desenho nos oferece um resultado impermanente. Há perda, mas há saturação; há sedimentação, mas há também desaparecimento. A feitura, por conseguinte, é um processo de transferência continuada de intenção e matéria, um incessante gesto entrópico.

Partindo do vazio, os diversos materiais utilizados — carvão sólido ou em pó, pigmento em pó, grafite em pó, tinta a óleo — são derramados por sobre o papel e manejados por instrumentos de trabalho, postos em excesso e, eventualmente extraídos, até exaurir na consolidação de uma figura. Aliás, o artista usufrui das mais distintas técnicas e ferramentas, sem hierarquizá-las, atuando de forma intensa no espaço possível de manejo do papel por sobre a mesa. A própria identificação da linguagem monotípica de impressão acontece pela permanência, mesmo que parcial, das gravações feitas com padrões de tecidos e rendas utilizados em muitas dessas peças. Mais uma vez, é uma forma insinuada que ganha força.

A impregnação, a palavra e a composição

O artista estabelece um movimento de entrada e outro de saída: talvez uma fuga para dentro e uma outra para fora. Quem observa o trabalho por muito tempo é cooptado por esse movimento. A própria percepção da obra de feições amorfas pode se dar de variadas maneiras. Portanto, veja o que está diante de você, à distância ou com de perto, nos traços ou nos pigmentos, nas cores vivas ou escuras, nas paisagens ou nos corpos que se insinuem. É uma bruxa ou uma nebulosa? São os resquícios de uma explosão ou a iminência de um fenômeno? É, enfim, um retrato em formação ou uma paisagem desestruturada? Escolha um caminho entre os diversos contornos, densidades e cores apresentadas.

Em um segundo passo investigativo, é na micro-paisagem de cada uma das *Brujas* que também se verificam

letras e palavras, comparecendo com maior ou menor intensidade e clareza nos vários retratos propostos. Um olhar mais atento captura os signos linguísticos dados pelas expressões escritas, que podem representar a bruxa em clássicos universais da literatura. Alternando-se nos retratos mais escuros, nos mais claros ou nos mais coloridos, três referências são utilizadas: “Antica strega”, do *Purgatório* de Dante; “Hag's seed”, da *Tempestade* de Shakespeare e “Walpurgis”, da “Noite de Walpurgis”, passagem do *Fausto* de Goethe. Estas três referências, em três línguas distintas, estão escritas e entremeadas nos trabalhos. As duas primeiras são gravadas pela técnica da monotipia, que deixa as palavras ao contrário. É o reverso que se revela. Por sua vez, a palavra alemã “Walpurgis” aparece no sentido correto, pois é obtida por meio da fita crepe que, quando arrancada, grava no sentido da leitura. Elas estão mais evidentes nos trabalhos mais soturnos, impregnados de pó de carvão.

Como o próprio artista nos contou, há um esforço continuado de chamamento ou evocação da figura da bruxa. Se atentarmos para uma rápida pesquisa em dicionário de palavras análogas, a *bruja* ou a bruxa que Nuno Ramos evoca é, na verdade, a procura por uma figura sábia, de certa luz, cujos poderes desconhecidos parecem necessários no sombrio presente real em que estamos implicados. É como se, ironicamente, tomando partido de um imaginário popular, chamássemos por algo da ordem do absurdo para enfim conseguir desvelar, clarear a escuridão do presente. Como é sabido, a palavra tem origem latina, vem do verbo italiano *bruciare*, que significa queimar, arder, incendiar. É, enfim, um símbolo para a transformação. Em vista disso, cada composição de matérias, ferramentas, palavras e esforços manuais constituem esse processo evocativo, configurados nos 25 trabalhos selecionados para esta exposição.

A evocação, a revelação e o Brasil

De uma forma ou de outra, a série apresentada conforma o encontro do artista com o absurdo, algo também da ordem do obscuro ou vertiginoso que parece ganhar clareza e força quando damos a devida atenção ao desenho. Assim como dissolveu em lírica a noção tradicional de samba, no conjunto de canções do disco *Sambas do Absurdo* (2017) -- composições de Rodrigo Campos e letras do próprio Nuno Ramos --, o artista plástico evoca no desenho cotidiano a busca quase desesperada por um chamamento do desconhecido, trazendo para o plano da realidade insólita, hostil e incerta de hoje, uma outra força transformadora, mais explícita, talvez estético-política.

Em certo sentido, é o que o próprio artista escreveu na letra de “Samba do Absurdo 6”, ao narrar uma vontade de descoberta de alguma verdade ainda oculta, de um desejo libidinoso: “o último caroço desse fruto / um peito, um puto dum prazer / de conhecer o poço oculto”. Não seria forçoso dizer que a canção pode ser uma tentativa de resposta que comparece analogamente, agora, nos gestos contidos nestes desenhos. O canto de Juçara Marçal, o violão de Rodrigo Campos, os arranjos e programações de Gui Amabis entonam e dão vida à palavra de Ramos.

Se retrocedermos alguns anos na trajetória do artista, um trabalho de 2002 parece confluir para ideias ensejadas aqui. No filme *Luz Negra (Para Nelson 1)*, concebido em parceria com o artista Eduardo Climachauska, Ramos apresenta o enterro de caixas de som em um grande descampado com sol a pino. Enquanto as caixas vão sendo cobertas, tornando-se invisíveis, a canção “Juízo Final”, composta e interpretada por Nelson Cavaquinho, ganha força, para depois ser abafada pela terra. No revés do que se vê estão o azul do céu e o sol que quase cega. Mais uma vez, os movimentos de fuga para dentro e de fuga para fora se apresentam. Entretanto, se o sentimento evocado pela canção é abafado, nos trabalhos de hoje há uma aproximação

literal com a canção: é querer ter olhos para ver a maldade desaparecer, acreditar que o sol brilhará mais uma vez e que o amor poderá ser eterno novamente.

Se olharmos para os trabalhos de maior escala e de autoria partilhada pelo artista – no caso, as ações performativas dos episódios de *A extinção é para sempre* (2021), ainda em curso – percebem-se acontecimentos ligados ao presente, ao correr do tempo de agora: possuem atuação, lidam com incertezas momentâneas e conjugam símbolos e referências que parecem gestar um impulso para a mudança. Já as *Brujas*, entretanto, emulam dois tempos distintos: o processual do artista e o de quem o observa na vertical, fixado no plano expositivo. Ao mesmo tempo, sugerem imagens mutáveis, dependendo da luz, da condição de quem o vê, do contexto expositivo, entre tantas outras variáveis.

Tanto em um caso como em outro, Ramos me faz pensar no termo empregado por Hélio Oiticica em *Brasil Diarréia* (1970), ao falar de uma doença típica brasileira, a “convi-conivência”. Ela parece ter ganho novos contornos no Brasil atual. Agir no combate a esta doença é um problema de contingência da arte, que precisa, em certas situações, tomar uma possível posição ético-política. Em um país de uma pandemia descontrolada, de um ambiente de intolerância e sectarismo e de uma inépcia do poder governamental, a produção artística poderá ganhar um lugar de ambivalência, sem valores absolutos, ancorado no tempo presente e com um mote deflagrador.

No meu entender, o que o artista nos dá é uma força motriz de representação que vem como contrária ao estado de apatia diante do desmoronamento sem fim que estamos vivenciando há pelo menos quatro anos no Brasil. No que se refere à violência sócio-política atual, se há uma relação mais direta, objetiva e simbólica nos trabalhos que perfazem o projeto *A extinção é para sempre*, nas *Brujas* vê-se a materialização do cotidiano do artista, uma prática quase arqueológica, investigativa e reflexiva. Entendo estas novas obras de Nuno Ramos como uma ação possível de se construir visões em desmesura diante da ruína e da inércia que nos assolam.